As casas não esquecem.

Foi o que o Sr. O'Hare disse a Victoria no dia em que ela e a família chegaram a Somerton, o dia que marcou o início do fim de tudo.

Na altura, ela gostou do que ouviu. Somerton era uma casa velha, afinal de contas, e a ideia das paredes revestidas com papel e das janelas com pinázios guardarem os segredos e os sonhos de todos os que percorreram os seus corredores soava-lhe bem. Não pensou que talvez as casas se agarrassem tanto ao mau como ao bom, tal como as pessoas.

Mas porque haveria ela de pensar que poderia haver memórias más num local como aquele? Aquele verão, a última estação boa da sua vida, foi glorioso, cheio de céus azuis e Sol amarelo como um limão, e não houve nenhum indício do todo o horror que haveria de se seguir. Foram apenas dias quentes e preguiçosos, o zumbido suave de abelhas em flores altas, a sensação sedosa de erva nas barrigas das pernas quando caminhava pelos campos que rodeavam a casa.

Esquecera-se, como nos esquecemos todos, de que as coisas belas têm o seu lado lunar.

— *O Despertar de Lilith,*
Mari Godwick, 1976

Depois de ser publicado em 1976, O Despertar de Lilith escancarou as portas do «clube de rapazes» ocupado por escritores de livros de terror como William Peter Blatty, Jay Anson e Thomas Tryon, um feito ainda mais impressionante dada a juventude da autora. Blatty tinha 43 anos aquando da publicação do *O Exorcista*, Anson 56 quando a obra *A Mansão do Diabo* foi lançada. Tyron já tinha uma carreira consolidada em Hollywood como ator e escritor antes de *The Other* o ter consolidado como um dos escritores de terror mais proeminentes dos Estados Unidos da América.

Mas a autora de *O Despertar de Lilith* era uma rapariga que ainda mal tinha chegado à idade em que podia beber, uma pequena ruiva inglesa chamada Mari Godwick.

Vale a pena dizer que, quando *O Despertar de Lilith* foi publicado, o nome dela já era conhecido. Famigerado, até. Porém, o livro teria causado sensação mesmo sem o que aconteceu no verão de 1974 (aquilo a que alguns chamam de forma algo lúgubre «A Tragédia da Villa Rosato»). Afinal, o terror era um território predominantemente masculino antes de Mari Godwick e a sua criação — o seu avatar, segundo alguns — Victoria Stuart aparecerem de rompante.

Mesmo distante da história real de violência, o livro choca. Victoria não é nenhuma vítima, não é uma menina aos gritos coberta de sangue. Victoria semeia a destruição daqueles que ama sem remorsos, com a obstinação que as adolescentes costumam mostrar na vida real, mas que não podiam mostrar no domínio da ficção de terror.

Perguntaram vezes sem conta a Mari Godwick se ela era Victoria, e a resposta, dada com um sorriso enigmático, foi sempre a mesma.

— Somos todas.

— *A Dama e o Monstro: Mulheres no Terror, 1932–1990*, Dra. Elisabeth Radnor, University of Georgia Press, 2001

CAPÍTULO I

Foi mais ou menos quando ela começou a dizer que se chamava «Chess» que eu percebi que talvez odiasse a minha melhor amiga.

Era o terceiro nome que escolhia para si própria nos quase 20 anos que eu a conhecia. Quando nos conhecêramos no quarto ano, era somente a Jessica. Bem, «Jessica C.», uma vez que também havia a «Jessica M.» e a «Jessica R.» e uma rapariga que era apenas a Jessica, como se tivesse sido a primeira a reclamar o nome e toda a gente tivesse de comer e calar. Por isso, talvez não tenha sido surpreendente que, no segundo ano da faculdade, a minha amiga se tivesse transformado em «JC», que acabaria por se fazer «Jaycee».

O nome durou até ao meio do percurso universitário. Algures entre a terceira ou quarta mudança de curso, tornou-se apenas «Jay», tendo aguentado o diminutivo até há dez anos, ano em que ambas fizemos 25 anos e ela terminou finalmente com o idiota do Lyle. Foi então que nasceu a Chess.

Chess Chandler.

Não posso negar que soa bem e não há dúvida de que fica muito bem impresso numa letra gigante no livro que tenho neste momento no colo enquanto espero que a Chess venha ter comigo para almoçarmos.

Está atrasada, porque está sempre atrasada, embora eu tenha chegado propositadamente quinze minutos depois da hora que lhe dei para

nos encontrarmos para tentar evitar esta situação. No entanto, claro, quando me estava a sentar, recebi uma mensagem dela. *Estou a sair agora!*

Por isso, já vou no meu segundo chá gelado e na terceira fatia de pão num pequeno café em Asheville, o tipo de lugar que eu acho que a Jessica — a *Chess* — vai gostar, à espera da verdadeira Chess ao mesmo tempo que a fotografia dela esparramada na capa do livro olha, radiante, para mim.

Na fotografia, a Chess está sentada no chão, vestida com uma blusa branca e calças de ganga, os pés descalços, as unhas dos pés pintadas de cor-de-rosa vivo, a postura descontraída e um sorriso sob o título *Tu Consegues!*

É a cena dela: a onda da autoajuda. Tropeçou nela quando uma amiga nossa da universidade, a Stefanie, criou um site, algo que ver com as mulheres e o bem-estar de cujo nome já nem me consigo lembrar. A Chess começou por colaborar numa coluna de aconselhamento e uma das respostas, em que incentivou uma mulher a terminar a relação com o namorado de merda e a deixar o emprego de merda que tinha, tornou-se viral.

Não foi difícil perceber porquê. A resposta era a Chess de sempre: jovial e engraçada sem deixar de ir ao cerne da questão de uma forma que era direta sem ser cruel. *Sabe bem o que tem de fazer neste caso, quer dizer, escreveu-me, é óbvio que é inteligente (exceto quando há homens ao barulho. Ou empregos. Mas vamos conseguir resolver isso).*

Há anos que ouço conselhos semelhantes, afinal. Mesmo assim, nunca pensei que a coisa fosse além de um artigo na *BuzzFeed* chamado «Vinte e sete razões para querermos fazer desta colunista a nossa melhor amiga!!».

Porém, por alguma razão, as coisas não ficaram por aí. De repente, o Instagram da Chess tinha milhares, depois *centenas* de milhares de seguidores. A Chess deixou de escrever para o site da Stefanie e aceitou um emprego na *Salon*, depois na *The Cut*, e, passado pouco tempo, assinou um contrato para escrever um livro. *As Coisas que a Minha Mãe Nunca me Ensinou* acabou em todas as listas de livros mais vendidos e, quando dei por ela, a Chess era famosa.

E, para ser sincera, com todo o merecimento. Era muito boa no que fazia. Li todos os livros que escreveu e vi todos os vídeos que fez, incluindo a importante TED Talk que tinha qualquer coisa como vinte milhões de visualizações no YouTube. Além disso, passei muito tempo a pensar em como uma pessoa com quem eu cheguei a brincar às bonecas podia, de um momento para o outro, estar a falar com a Oprah — no *raio da casa da Oprah* ainda por cima — a dizer às mulheres para enveredarem pelo «Caminho do Poder».

Arranco mais um pedaço de pão.

A minha vida está muito longe do Caminho do Poder, e, para ser sincera, talvez seja também por isso que eu já não gosto assim tanto da Chess.

Bem, isso e o facto de ela já estar — olho para o telemóvel — *trinta* minutos atrasada.

No momento em que começo a pensar que o melhor será fazer o meu pedido, a porta do café abre-se e ela entra, bem-disposta, alta e muito loira, um turbilhão em tons de branco, uma mão já levantada para me cumprimentar, enquanto outra empurra os óculos de sol para cima da cabeça, a mala de pele cinza-pérola pendurada ao ombro. É sempre assim, em constante movimento, um corpo que parece mexer-se em dez direções, sem que cada gesto deixe de ser elegante e fluido de uma maneira ou de outra.

As cabeças viram-se quando ela entra, mas não sei se é por as pessoas a reconhecerem ou se é apenas por causa dela: por causa daquela energia, daquele brilho.

Levanto-me demasiado depressa para a abraçar, bato com as coxas na borda da mesa, o gelo chocalha nos copos de água, e sou envolvida por uma nuvem de perfume Jo Malone.

— Emmmm — diz a Chess, a abraçar-me com força.

E, embora eu estivesse completamente chateada com ela há poucos segundos, sinto imediatamente aquele calor familiar no peito. A Chess é a única pessoa que me trata por «Em». Sempre fui a Emily para todas as pessoas menos para ela, e ouvi-la a chamar-me assim naquele sotaque arrastado do Sul que ela nunca chegou a perder ressuscita todas as recordações boas: os anos das festas de pijama; andar no carro dela

com as janelas abertas, a cantar aos gritos as músicas que passavam na rádio; estarmos sentadas no sofá da casa de praia dela na ilha de Kiawah a rir com copos de vinho nas mãos. Um milhão de coisas que me fazem esquecer imediatamente dos constantes atrasos e que me fazem sentir culpada por ter sequer pensado mal dela.

Quando se afasta, olha-me de cima a baixo e pousa-me a mão fria na face.

— Estás com melhor aspeto — comenta, e eu consigo sorrir ao mesmo tempo que lhe dou uma palmadinha na mão antes de voltar para a cadeira.

— Sinto-me melhor — digo-lhe quando já me estou a sentar. — Bastante.

Preparo-me para mais perguntas e, como estou cansada de falar sobre a minha saúde desde há um ano, já estou a pensar numa forma de mudar de assunto, mas a Chess vê o livro dela em cima da mesa e solta uma sonora gargalhada.

— Oh, meu Deus, trouxeste isso para eu assinar?

Os olhos verdes da Chess enchem-se de luz quando se deixa cair na cadeira e pendura a mala nas costas da mesma.

— Eu ter-te-ia enviado um, sabes?

É estúpido sentir vergonha de uma pessoa que já me segurou o cabelo enquanto vomitava, bem mais do que uma vez, porém sinto um calor nas faces quando aceno para o livro.

— É da minha mãe — informo. — Cometi o erro de lhe dizer que ia estar contigo hoje e, quando dei por ela, tinha isto na minha caixa de correio com um bilhetinho.

Pede à Jessica para assinar isto, sff! Pode dedicá-lo a mim. (Deborah.)

A Chess deixa escapar um riso leve quando pega no livro.

— Sempre a mesma Deb — diz, antes de, mais uma vez, fazer um daqueles números de magia só dela: saca a caneta daquela mala enorme, assina o livro, faz sinal para o empregado de mesa e pede um copo de vinho ao mesmo tempo que rabisca a assinatura na folha de rosto.

Às vezes, fico cansada só de olhar para ela.

A Chess devolve-me o livro, recosta-se na cadeira e afasta o cabelo do rosto.

Está diferente agora, mais magra e mais loira, no entanto ainda vejo a rapariga que conheci no primeiro dia de aulas do quarto ano na Escola Primária de Johnson, nos arredores de Asheville. A rapariga com sardas salpicadas por todo o nariz, olhos grandes e maçãs do rosto largas, que se inclinou para a frente e sussurrou com cumplicidade: «Estou contente por estar ao teu lado».

É engraçado como algo tão pequeno pode ajudar a criar um laço para a vida.

— Então, como está a correr a escrita? — pergunta quando o empregado de mesa lhe traz o vinho.

Fico-me pelo chá gelado, ainda a tomar uma mão cheia de remédios que não quero misturar com álcool e bebo um gole antes de lhe responder:

— Está a correr bem. Tenho demorado um pouco para voltar depois de… tudo.

Tudo.

É a única palavra capaz de resumir o completo e absoluto monte de merda que a vida se tornou para mim no último ano, mas não chega sequer perto de o caracterizar.

Carreira estagnada? Confere.

Saúde subitamente terrível sem que um médico fosse capaz de perceber porquê? Confere.

Um marido que decide abandonar-me ao fim de sete anos de um casamento que parecia feliz?

Foda-se, confere!

Já passaram mais de seis meses desde que o Matt me deixou e continuo à espera de que tudo me doa menos, de que as coisas pareçam menos confusas, menos… não sei. Um lugar-comum. Uma humilhação. A minha mãe chegou até a perguntar-me se eu estava a pensar em voltar a viver com eles e, dado o estado das minhas finanças — entre o livro atrasado e um divórcio cada vez mais caro —, até eu já estava a pensar nisso. A Chess olha para mim, o sobrolho franzido, antes de levantar a perna, pousar o calcanhar em cima da borda da cadeira e enrolar os braços no joelho, uma posição que nunca vi ninguém adotar

num restaurante. Acho que quem já fez o mesmo exercício de contorção no sofá da Oprah pode fazer o que quiser.

Aceno com a mão.

— Está tudo bem, a sério — garanto-lhe. — O último livro está, tipo, epicamente atrasado, mas é o décimo livro da série e as vendas do nono não estavam exatamente a arrasar o mundo editorial, pelo que acho que ninguém está assim tão preocupado.

Ninguém a não ser eu, mas isso é outra história.

A Chess encolhe os ombros e as pulseiras de prata chocalham-lhe no pulso.

— As pessoas não têm bom gosto, então. O *Uma Farpa Fatal* foi o meu preferido até agora. Aquela parte, no fim, na praia onde ficamos, tipo, «Oh, merda, a mulher e o melhor amigo fizeram-no *juntos*!». — Ela inclina-se para a frente e agarra-me a mão em cima da mesa com os olhos a brilhar. — Tão, mas tão inteligente!

Depois de voltar a recostar-se na cadeira, ela continua a sorrir-me.

— Foste sempre inteligente como o raio.

A sentir-me quase absurdamente contente, pego em mais um pedaço de pão.

— Leste o *Uma Farpa Fatal*?

Quando já escrevemos há muito tempo, deixamos de esperar que as pessoas da nossa vida continuem a acompanhar o que estamos a produzir. A minha mãe só chegou ao quinto livro dos Mistérios de Petal Bloom, *Um Incidente Mortal.*

O Matt, o meu ex-marido, nunca leu nenhum a não ser o primeiro. Nunca pensei que a Chess se mantivesse sequer a par dos títulos, quanto mais que os lesse.

Mas é essa a magia da Chess. Quando parece que estamos cansados das merdas dela, ela faz ou diz algo genuinamente simpático, verdadeiramente encantador, algo que faz com que sintamos que o Sol está a brilhar diretamente para nós.

— Claro que li — diz ela, pegando no último pedaço de pão do cesto. — Tu leste os meus, não leste?

Li, mais do que uma vez, mas não por gozo ou por gostar a sério deles. Lembro-me de estar deitada na cama, exausta e maldisposta,

farta de estar doente e cansada a ler o *A Tua Melhor Versão* e depois o *Tu Consegues!*, e de sentir a vergonha a afoguear-me desconfortavelmente a pele por estar à procura de merdas de que não gostasse e frases que me fizessem revirar os olhos. Que tipo de pessoa lê os livros da melhor amiga com raiva?

— Claro! — respondo, com um pouco de vivacidade a mais, no entanto ela não deve ter reparado, porque se limita a sorrir-me.

— Ainda bem. Nunca os teria escrito sem ti.

Olho para ela, pestanejante. É a primeira vez que ela diz algo deste tipo e não faço ideia do que quer dizer. No momento em que ela se lançou para esta estranha combinação de Taylor Swift, Glennon Doyle e de menina Jesus mandona, não falávamos muito. Eu estava envolta na minha própria escrita, e no Matt, enquanto ela partia à conquista do mundo.

— Oh, sim, fui completamente vital para o teu processo, aqui às voltas na Carolina do Norte — gracejo, mas ela abana a cabeça.

— Não, foste mesmo! Foi por tua causa que eu me dediquei à escrita, sabias? Levaste-a sempre tão a sério com os teus caderninhos, a planear aqueles… Como é que lhes chamavas? Tinhas um cronometrozinho para isso.

É a chamada técnica Pomodoro e, na verdade, ainda a uso, embora não me esteja propriamente a servir de muito hoje em dia. Aceno-lhe um *deixa para lá*.

— Eu era uma totozinha — digo, e ela estende a mão em cima da mesa para me dar uma palmadinha no braço.

— É da minha melhor amiga que estás a falar, sua cabra.

O resto do almoço passa depressa, de tal maneira que fico surpreendida quando a conta chega. A Chess passa o cartão antes de eu poder fazer de conta que ia pagar, e, de repente, estamos no passeio à porta do café, a tarde do fim de maio quente e chuvosa.

— Tinha saudades tuas, Em — confessa ela, dando-me outro abraço, e eu sorrio-lhe de encontro à clavícula e encolho os ombros quando nos voltamos a afastar.

— Estou sempre aqui — declaro. Não tinha intenção de soar tão melancólica, porém é verdade. A Chess é que está sempre a andar de

um lado para o outro, mas eu continuo em Asheville, a cidade onde cresci. Só conseguimos fazer este almoço porque a Chess tinha uma sessão de autógrafos numa livraria local no fim de semana.

— Ora, ainda bem — diz-me ela, a piscar-me o olho. — Assim sei sempre onde te posso encontrar.

CAPÍTULO II

Não estou à espera de ouvir notícias da Chess durante algum tempo. Sempre foi o estilo dela. Bem, para dizer a verdade, sempre foi o *nosso* estilo. Passámos tanto tempo juntas e víamo-nos todos os dias quando andávamos na Universidade da Carolina do Norte, mas, depois de sairmos da faculdade, a situação alterou-se. Acontece, certo? As vidas seguem direções diferentes, fazemos amigos novos, conhecemos pessoas novas. A Chess mudou-se para Charleston com a Stefanie e começaram ambas a trabalhar no mesmo restaurante sofisticado enquanto a Stefanie trabalhava também na construção do site, e eu voltei para Asheville com uma licenciatura em Inglês e não muito mais do que isso. A Chess convidou-me para ir para Charleston com ela, chegou até a insistir que me arranjaria um emprego no mesmo restaurante, no entanto eu tinha saudades de casa e os meus pais acharam que seria inteligente voltar a morar com eles para poupar dinheiro. O meu pai ainda alimentava o sonho de me ver na faculdade de Direito, mas eu não estava pronta para me empenhar noutra licenciatura dispendiosa e acabei como professora substituta que, de vez em quando, atendia telefonemas na empresa de contabilidade do pai.

Estaria a mentir se dissesse que não tinha ficado com alguma inveja ao ver a vida que a Chess apresentava nas redes sociais. Sendo honesta, ela estava só a servir às mesas na altura, mas estava a viver num lugar

novo, a conhecer pessoas novas e eu sentia que talvez estivesse a andar para trás, ainda a dormir no meu quarto de infância debaixo de um cartaz do Justin Timberlake.

Tudo haveria de se compor, claro. Se a Chess não estivesse a viver com a Stefanie, não teria começado a escrever para o site dela, e se eu não estivesse tão deprimida por ter ficado em casa a pensar em ir para a faculdade de Direito, nunca teria escolhido ao acaso um policial leve que vi na biblioteca, atraída pela capa colorida e pelo título tonto, não teria lido mais uma dezena de outros do mesmo género e, claro, não teria começado a escrever um também. A Petal Bloom deve toda a sua existência — e devo toda a minha carreira — ao facto de a minha vida ter divergido da da Chess.

Mesmo sendo a maior parte da nossa vida um conjunto de desencontros, ela não deixa de ser a minha melhor e mais velha amiga. O que, hoje em dia, significa que trocamos mensagens quando podemos, raramente ligamos uma à outra, e vemo-nos uma vez por ano se tivermos sorte.

Por isso, fico surpreendida quando recebo uma mensagem dela um dia depois do nosso almoço.

Tive uma ideia estapafúrdia.

Com a Chess, uma mensagem destas pode significar quase tudo. Pode estar a pensar em casar com um estranho ou pode significar apenas que está a pensar em reintroduzir hidratos de carbono na dieta. É difícil de dizer.

Leio a mensagem, mas não lhe respondo, dizendo a mim própria que é porque devia estar a trabalhar. Tecnicamente, não deveria ter o telemóvel no escritório — costuma ser uma regra que sigo à risca. O telemóvel fica na cozinha, pousado na bancada, até eu acabar o trabalho do dia.

Mas tenho-me desleixado e, ultimamente, passo mais tempo a olhar para o telemóvel ou a perder tempo no Twitter do que a escrever. Deve ser por isso que a minha intrépida heroína, Petal Bloom, não sai do quinto capítulo de *Um Jardim Macabro*, apanhada em flagrante pelo detetive privado que não é bem namorado, Dex Shanahan, pendurada numa janela à saída da cena do crime.

Releio a última frase que escrevi.

Só podia ser o Dex.

Os leitores vão gostar disto, o Dex a reaparecer. Eu mantive-o longe das luzes da ribalta no último livro e recebi *e-mails* zangados suficientes para perceber a popularidade da escolha. Deveria estar contente por estar a voltar a reintroduzir o Dex na história, por estar a juntá-lo à Petal novamente.

Em vez disso, estou sempre a pensar que talvez a Petal possa acabar por ser a assassina neste livro. Talvez seja ela a pessoa que se fartou da Sra. Harrison, a rainha do clube de jardinagem, encontrada morta com um par de corta-sebes nas costas?

Este era o pormenor que eu tinha quase a certeza de que o meu editor me iria obrigar a cortar: um policial leve pode ter alguma violência, mas a maior parte dos leitores quer que as vítimas tenham uma morte muito limpinha. Sem sangue, sem nada muito explícito e, claro, sem terror nem dor. Uma morte calma e pitoresca por envenenamento e não uma daquelas que nos dá vontade de vomitar ou, cruzes credo, de nos borrarmos. Só o suficiente para nos suscitar um gritinho dramático. Pode ser uma morte inoportuna num jantar de Natal, junto a uma prensa de cidra, num casamento primaveril ou noutra ocasião festiva. O importante é que a minha destemida heroína acabará por descobrir o responsável.

No livro anterior, a Sra. Harrison foi uma verdadeira cabra para a Petal. Talvez esta fosse a vingança e a intrepidez da Petal fosse, na verdade, um poço fundo de raiva da Blossom Bay e das senhoras Harrison do mundo. Talvez o Dex, que sempre pensou que era mais esperto do que a Petal, tenha finalmente chegado ao seu limite.

Deixo-me levar pela escrita durante trinta minutos. Trinta gloriosos minutos e mais de mil palavras com a Petal Bloom a arrastar-se por aquela janela e a livrar-se do prudente Sr. Shanahan antes de revelar o seu plano de exercer a vingança sobre toda a Blossom Bay.

É divertido.

É sangrento.

É mais do que escrevi nos últimos três meses.

E, quando termino, recosto-me na cadeira, leio de novo e, com toda a sensatez, apago cada palavra.

Ninguém lê os meus livros à procura de caos e derramamento de sangue. Os leitores querem o ambiente de uma cidade pequena e um enredo reconhecível. Querem que a Petal Bloom seja a heroína do dia perante o olhar tolerante do Dex.

E é isso que eu lhes vou dar.

Porém passo mais meia hora a tentar começar um capítulo novo em que a Petal deixa que o Dex a ajude a sair pela janela e, claro, há um momento em que quase se beijam, mas, oh, não! O que é aquilo? Um barulho vindo de fora! Têm de ir investigar!

Ao fim destes trinta minutos, tenho 282 palavras, e não há nenhuma que eu não deteste.

Não devia ter feito um Dex tão parecido com o Matt. Nos primeiros tempos da nossa relação, pareceu-me… inspirador. Fofinho, no mínimo. Pegar naquele tipo por quem era louca e criar uma personagem fictícia, que adorava a versão fictícia que eu tinha criado de mim mesma. O Dex é mais bem-parecido do que o Matt, sem dúvida — quantas vezes é que as leitoras me escreveram a perguntar-se porque não existia no mundo real um homem como o Dex? —, mas há muitas outras semelhanças. Tem o amor do Matt pelo uísque *Talisker*. Tem um casaco de pele castanho surrado do qual cuida melhor do que de um bebé. Não tem um cão, mas quer adotar todos os que vê à frente.

O Matt é tudo isto e, quando comecei a escrever o Dex, andava felicíssima, uma vez que podia passar tempo com a versão fictícia do homem por quem me estava a apaixonar.

Mas o Dex não abandonou a Petal quando ela ficou doente. Não a traiu com uma mulher desconhecida qualquer, não apagou todas as fotografias dela nas redes sociais.

O Dex continuou por perto, a ser um Tipo Porreiro, o homem com quem a nossa heroína podia contar. Ao mesmo tempo, o meu próprio Tipo Porreiro era, na verdade, um patife que comprou um apartamento em Myrtle Beach e, de acordo com o Instagram, adquiriu um interesse súbito pela cerveja artesanal.

Além disso, o Dex não tentaria tirar à Petal o dinheiro que tanto lhe custou a ganhar.

Este foi um pormenor que eu não contei à Chess quando ela me perguntou como estavam as coisas: que o meu ex-marido tinha decidido ir diretamente à jugular.

Tudo começou com as negociações do divórcio. O Matt achava que tinha direito a uma percentagem maior dos direitos sobre o livro da Petal Bloom do que eu estava preparada para lhe oferecer. Os livros tinham vendido bem e eu tinha uma vida confortável, mas não estava a nadar em dinheiro. Tinha um carro com seis anos, continuava a fazer compras no supermercado mais barato e, para dizer a verdade, foi o salário do Matt que nos manteve à tona quando eu fiquei doente e comecei a falhar os prazos.

Pensei que era por isso que ele estava à procura de uma percentagem maior: as despesas com os cuidados de saúde que ele teve enquanto eu estava a usufruir do seguro cheio de coberturas que ele tinha. No entanto, quando ele e o advogado partiram para o ataque, não demorei a perceber que era mais do que isso.

A questão não era o dinheiro, pelos vistos. Era a *propriedade.* Uma vez que eu discutia os meus enredos com o Matt, que ele fazia algumas sugestões quando eu estava num beco sem saída, eu, estúpida, dissera um dia numa entrevista para a *Mistério e Suspense* que «os livros da Petal Bloom não existiriam sem o meu marido, Matt», estávamos a discutir se ele teria direito a muito mais do que a um par de dedicatórias e uma referência nos agradecimentos. O Matt queria uma parte dos meus rendimentos, não só dos que eu já tinha auferido, mas também de tudo o que eu *pudesse* vir a auferir no futuro com a série de livros. Pelos vistos, eu só tinha uma carreira por causa dele.

Porém, talvez eu não devesse ter ficado surpreendida por ele estar a agir desta maneira. Escrevi os primeiros livros da série Petal Bloom antes de nos termos casado, pelo que o nome que aparecia na capa era o meu nome de solteira: Emily McCrae. Pretendia continuar a usar o nome para uso profissional mesmo depois de ter assumido o apelido do Matt, Sheridan, pessoalmente, mas parece que o Matt nunca imaginou que eu não fosse usar o apelido Sheridan nos meus livros. O incómodo que ele sentiu foi suficiente para eu ceder e insistir na mudança apesar de o meu editor ter ficado pouco agradado com isso.

Portanto, sim, provavelmente deveria estar mais prevenida, porém pensei que não passava de um ataque ridículo ao meu dinheiro de que qualquer juiz se riria em tribunal.

Até agora, ninguém se está a rir.

Ainda na semana passada, tive de entregar os últimos cinco anos de contratos, recibos de pagamentos e declarações de recebimento de valores de direitos de autor ao advogado dele, e, à noite, fico acordada a pensar no que vai ser de mim se ele realmente vencer o caso.

Se sempre que eu me sentar para escrever, durante o resto da minha vida, estarei a pôr dinheiro no bolso de um homem que me abandonou assim que as coisas começaram a correr mal.

Estou tão ocupada a sentir pena de mim própria que me dou conta de que deixei escapar duas mensagens da Chess.

OLÁ!!

A SÉRIO, EM, TENHO UM… PLANO…

E, apesar de tudo, deixo escapar um sorriso.

A Chess está sempre cheia de planos, embora só cerca de um terço cheguem a ser concretizados, e isto sou eu a ser generosa. Por exemplo, planeou um baile de máscaras em que queria contar com a participação de toda a residência universitária (desistiu ao ver que não conseguia encontrar um disfarce de que gostasse). Planeou uma caça ao tesouro no último ano (esqueceu-se de fazer a lista de coisas a procurar). Planeou uma viagem a Cabo San Lucas para a minha despedida de solteira (que nunca chegou a acontecer).

E, claro, houve sempre o Livro.

Era assim que nos referíamos a ele, o Livro que íamos escrever juntas, um retrato cru da adolescência feminina, do sexo e da vida académica, que nos haveria de transformar em meninas de ouro do mundo literário. Um plano que por pouco não foi mais adiante. Penso que chegámos a cerca de dez mil palavras antes de a Chess ter perdido o interesse. Apareceu um homem novo, que ela conhecera num bar qualquer, e com ele chegou um novo grupo de amigos que tinha de conhecer e que queria impressionar. Na altura, eu já me tinha habituado àquilo: ver a Chess tornar-se uma pessoa completamente diferente

quando começava a namorar com alguém. Limitava-me a partir do princípio de que ela se cansaria dele e do respetivo grupo, como acontecia sempre, e depois voltaríamos para o livro.

O tipo acabou — como era inevitável — por se ir embora, mas ela nunca voltou a tocar no assunto do livro.

Suspiro e levanto-me da secretária. Lá fora, já está a ficar escuro, e reconheço que perdi mais um dia, em que trabalhei, mas não cheguei a lugar nenhum. Do outro lado da rua, os Millers já acenderam as luzes do alpendre, e ouço o som de crianças a rirem-se, pneus de bicicleta a subir da rua para o passeio e a voltar para a rua.

O Matt e eu comprámos esta casa há seis anos numa zona propícia à vida em família porque pensávamos que não iríamos demorar a formar uma. Estávamos a pensar em ter filhos em breve, em viver o sonho suburbano, mas depois fiquei ocupada com os livros e, quando estava a entrar em ritmo de cruzeiro, fiquei doente e acabei assim: uma mulher solteira, presa numa casa de dois andares e quatro quartos que não sinto como minha.

Levo o telemóvel para a cozinha e abro o frigorífico para ver se tenho alguma coisa que não seja completamente deprimente para aquecer para jantar. Tenho uma terrina de sopa da noite anterior, pelo que pego nela e pouso-a no fogão antes de olhar para as poucas garrafas de vinho que me restam na garrafeira, os tintos que o Matt não se deu ao trabalho de levar.

Penso em todos os frascos cor de laranja ainda no meu armário de remédios.

Antibióticos. Foram as primeiras coisas que o médico receitou quando comecei a ficar doente há pouco mais de dois anos. Sentia enjoos constantes na altura, suores quentes a escorrer-me no lábio superior e no fundo das costas.

O Matt tinha a certeza de que eu estava grávida, porém os testes davam sempre negativos, e, quando decidi finalmente ir à minha ginecologista, ela deu a entender que eu podia ter tido um problema grave de intoxicação alimentar, algo que o meu corpo não tinha sido capaz de combater sozinho. Saí do consultório com uma receita para uns

comprimidos de dose cavalar que me provocaram irritação e comichão nos braços e nos pés, mas não ajudaram nem um pouco a combater os enjoos. Aquilo que me parece é que ficaram ainda piores e começaram a ser acompanhados de uma sensação de aturdimento e de uma incapacidade de me focar no que quer que fosse.

Tive de fazer uma TAC, de consultar otorrinolaringologistas, de tomar outro tipo de antibióticos e, por fim, uma vez que ninguém percebia o que se passava comigo, ainda me passaram uma receita de comprimidos para cinetose intensa.

Com estes comprimidos, deixei, pelo menos, de vomitar, no entanto, a neblina cerebral só aumentou. Sentia que o meu raciocínio era titubeante e lento, e, à tarde, já tinha os olhos a cair de sono.

Até que, poucos meses depois de o Matt sair de casa, acordei uma manhã e percebi que me voltei a sentir melhor, mais eu. Ainda tenho dificuldade em confiar neste período de normalidade: embora alguns dos comprimidos tenham, tecnicamente, perdido a validade, tenho tido dificuldade em deitá-los fora, com medo de vir a precisar deles novamente. Mas passaram meses desde a última vez que me senti maldisposta, com o cérebro confuso, as ideias mal-acabadas, meses desde que passei o dia toda encolhida à frente da sanita.

Meses desde a última vez que me achei capaz de beber um copo de vinho.

Talvez aquele naturopata amigo do Matt tivesse razão: era apenas a tensão, o meu corpo a tentar fazer com que eu abrandasse, ou, pelo menos, lhe desse mais atenção. Ou talvez eu fosse apenas alérgica ao Matt, e, agora que ele se foi embora, o meu corpo esteja a regenerar-se aos poucos. A ideia dá-me vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo.

Não obstante, estou farta de andar em bicos de pés pela vida afora.

— Que se foda — murmuro, e abro uma garrafa de *Cabernet Sauvignon*.

Com o copo de vinho na mão, instalo-me no sofá e, em vez de responder à mensagem da Chess, ligo-lhe.

— Muito bem, esta é uma violação direta do Código das Melhores Amigas — declara ela quando atende o telemóvel, e eu rio-me.

— O quê, telefonar em vez de responder às mensagens?

— Sim. Devo dizer-te que terminei relações com homens por menos.

— Bem, dado que não podes terminar comigo — digo-lhe, a recostar-me no sofá —, decidi arriscar. Além disso, já sabes. Seja qual for o plano que orquestraste, soará melhor se o disseres em voz alta do que se o escreveres numa mensagem.

— Certo, porque numa mensagem, terás tempo de procurar lacunas e de me dizer que é uma loucura — replica ela, mas consigo ouvir-lhe o sorriso na voz.

— Exatamente — respondo. — Estou a proteger-te de ti própria.

Ela solta um suspiro dramático.

— Céus, detesto ter alguém que me conhece assim tão bem. Mas até estou contente por me teres ligado porque tens razão. Tens de ouvir o que eu tenho para te dizer. Estás pronta?

— Prontíssima.

— E se — começa ela, a arrastar as palavras — tu. Eu. Itália.

— Itália — repito, e praticamente consigo ouvi-la a revirar os olhos.

— Não fales como se fosse uma sentença de morte, Em. Itália! Itália!

— Eu estou a par do conceito — digo-lhe, bebendo mais um gole de vinho. — Só não sei exatamente o que queres dizer com isso. Queres que vamos à Itália? Quando?

— Para a semana.

Contenho o riso por pouco. Isto é tão… mas tão absolutamente típico da Chess.

E ela deve ter lido bem o meu silêncio, porque não se contém:

— Já tenho um lugar para ficarmos. Uma casa de campo espetacular nos arredores de Orvieto chamada Villa Aestas. Vais *morrer* quando a vires, Em. Estava a pensar escrever enquanto lá estivesse, e tu podias fazer o mesmo. Quer dizer, já estás melhor novamente, e não te via há uma eternidade e, quando almoçámos no outro dia, pensei: «porque é que não estou a fazer o possível e o impossível para passar mais tempo com a menina Emily Sheridan?».

Ela esteve a beber, penso. Não está demasiado embriagada, mas já tomou alguns *cocktails*. A Chess fica sempre muito conversadora e cheia de ideias grandiosas quando bebe.

— Admite que é o plano mais genial que já ouviste em toda a tua vida — pede ela e, desta vez, rio-me.

— É genial como o raio, sem dúvida.

Mas há algo que me está a impedir de dizer que sim.

Por um lado, é um pouco embaraçoso aproveitar-me tão abertamente da abastança recente da Chess. Serei eu *aquele* tipo de amiga de quem ela vai falar às pessoas mais tarde?

Oh, a Emily, coitada, somos amigas há uma eternidade e estava a passar por um processo de divórcio, pelo que eu queria fazer alguma coisa para a animar.

Pensar nisso dá-me uma volta ao estômago, mas depois penso na Itália. Em sentar-me ao sol, em absorver o que me rodeia, nas pessoas novas, numa língua nova. Além disso, há a massa.

— São seis semanas, Em — continua a Chess. — Quase o verão inteiro. Ou as melhores semanas do verão, sejamos francas. Vamos ter uma piscina, há uma catedral lindíssima perto…

Não são estas regalias que me aceleram a pulsação. É o tempo. Seis semanas. Seis semanas inteiras fora desta casa, fora desta vida. Seis semanas para recuperar a minha carreira e para procurar uma razão para viver.

E, claro, falando com franqueza, seis semanas de fotografias cheias de *glamour* para publicar no Instagram e no Facebook, onde o Matt ainda me segue.

— Está bem, conta comigo — digo-lhe, a fechar os olhos, e, do outro lado da linha, a Chess exulta.

— Sim! Eu sabia que podia contar contigo. Vou enviar-te a informação toda sobre a casa e depois reservo o teu bilhete.

— Eu posso comprar o meu bilhete — declaro, e posso, embora não sem levar o meu cartão de crédito ao limite. Mas se a Chess vai alugar uma casa inteira para ambas durante seis semanas, não quero que também me compre o bilhete. Tenho algum orgulho, afinal.

E, graças a Deus, a Chess não me tenta contrariar. Talvez ela saiba que não adianta.

— Perfeito. Vou partir daqui a dois dias, por isso não me faças esperar muito tempo sozinha, está bem?

Não lhe digo que ela me podia ter avisado mais cedo. Em vez disso, prometo-lhe que vou encontrar um voo em breve e, quando desligo o telemóvel, tenho o rosto quase dorido de tanto sorrir.

Um verão na Itália com a Chess.

Uma oportunidade de começar de novo, algo de que precisava desesperadamente. Algo que eu *quero*.

Algo que eu mereço.